

Alexandre Garcia

Rumos externos

O acidente doméstico do Presidente Lula o livra de estar em Kazan ao lado de aiatolás e talibás, além de alguns dirigentes autoritários que agora se reúnem no BRICS ampliado, para fustigar os Estados Unidos. O Ministro dos Relações Exteriores, Mauro Vieira, que chefia a delegação brasileira, adiantou que não vai se falar em Ucrânia. Claro que não. Na terra do agressor, vão falar no agredido? Nem vão falar das intenções da China sobre Taiwan, ocupação do Tibete, nem da decisão do Irã de extinguir o Estado de Israel, tampouco das proibições dos talibás que impedem as mulheres de falar em público e de ir além do 6º ano escolar no Afeganistão. Ninguém lá vai se queixar do regime cubano nem pedir que Maduro aceite o resultado da eleição e entregue o poder na Venezuela.

Na pauta sim, substituir o dólar como moeda internacional

de troca e criar alternativa para o acordo de Breton Woods, onde a maioria das nações do mundo criou o Banco de Reconstrução e Desenvolvimento, também chamado Banco Mundial, o FMI para socorrer as economias dos países signatários e exigir sanidade nas contas públicas e o GATT, o Acordo Geral de Tarifas, regulando o comércio internacional. Sugerem os anti-ocidente outros rumos, sob a condução da China e com financiamento do Banco comandado por Dilma, lá sediado. Ela sugeriu que os financiamentos sejam em moeda local, mas não entrou no como fazer. Enquanto isso, o Irã deseja impor o islamismo ao mundo, e já trata disso em relação à Europa.

A ex-presidente do Brasil começou na contramão da posição da delegação Brasileira. Ela quer ampliar o número de participantes do BRICS. Cerca de 30 países, inclusive Cuba, Nicarágua

e Venezuela são pretendentes; falou em receber mais países do que ela denomina “sul global”. O Chanceler Mauro Vieira, um dia antes, havia expressado a decisão brasileira de estabelecer critérios para adesões. E o que se sabe é que Brasil pressiona para não se aceitar Nicarágua e Venezuela. Não se falou, é claro, em critérios de liberdade, livre iniciativa, direito de propriedade, direitos humanos e democracia.

E o Brasil está lá, participando de tudo isso. A política externa de um país é o prolongamento da vontade nacional. E a vontade nacional brasileira não é nada disso. Se olharmos a expressão disso no voto, podemos dizer que o país está dividido pela metade, a valer a eleição de dois anos atrás; mas está majoritariamente ao lado do ocidente e dos valores judaico-cristãos, na eleição mais recente. E a política externa brasileira atual contraria essa expressão nacional.

Além disso, a Constituição, no artigo 4º, diz que nossas relações internacionais devem ser regidas pelo princípio, entre outros, do “repúdio ao terrorismo e ao racismo”. Nossa posição em relação a Israel fere esse princípio.

O Brasil era conhecido por cautelosa posição de equilíbrio em sua política externa. Pragmatismo sem ideologia. Agora parece que estamos com ideologia fora das raízes. Brasileiros deram sangue numa guerra contra ditadores e agora somos associados a objetivos de ditadores. Milei percebeu a vaga no protagonismo ocidental e já instruiu todo o seu corpo diplomático a não apoiar, no planeta, nenhum projeto, documento, resolução ou declaração que contrarie os valores fundamentais da vida, liberdade e propriedade; nada que desestime o crescimento e renda, no espírito da Declaração dos Direitos do Homem que é base da ONU.

EDITORIAL

Tão certo como o ar que ainda respiramos

Com a proximidade de mais um final de ano, é absolutamente natural já estarmos pensando na organização das festividades. Como e onde será realizada a ceia de Natal? Passaremos em casa ou na residência de parentes? E a virada de ano? Será em casa ou na praia com amigos? São várias perguntas e questionamentos que todos fazemos, vislumbrando confraternizações agradáveis e felizes. Mas.. Nem tudo se resume a festa.

Assim como é certo as festas de final de ano, junto com elas chega a estação mais quente do ano: o verão! E as chuvas torrenciais que assolam as cidades, também. Já constatamos e noticiamos por diversas vezes os estragos ocasionados não apenas pela força bruta da natureza, mas sobretudo pela ausência notória de planejamento urbano e políticas públicas eficazes para mitigar os impactos causados pelos temporais, que todos nós sabemos que acontecem anualmente neste período do ano, e muitas autoridades são incapazes de fazerem o dever de casa.

Limpeza e desassoreamento de rios, canais e valões, entre outras medidas, que, por sinal, já eram para estar em

plena e retumbante execução por parte de administradores públicos, em todos os níveis (municipal, estadual e federal). O que já se pode notar, é uma completa apatia e paralisia governamental. Gestores públicos que não se debruçaram em planejar ações para amenizar todos os transtornos causados pelo temporais. Uma situação que sinaliza desmandos administrativos, além de uma completa falta de sensibilidade e empatia. Expressões que aparentam estar fora do vocabulário de muitos administradores públicos.

Também não podemos eximir uma parcela da população, também responsável pelas enchentes que alagam vários centros urbanos. Principalmente quando insistem em atirar lixo nos rios e vias públicas. Não se trata apenas de um comportamento de gente incivilizada. É uma atitude altamente destruidora, ou pior: de autodestruição.

Tão certo como a ceia de Natal e Réveillon, as chuvas virão. E ainda tão certo como o ar que respiramos, as enchentes também. Muito especialmente por conta do desinteresse público e da incapacidade de se pensar em ações mais sustentáveis.

Um triste adeus para o cinema

No dia 24 de outubro de 2024, o Brasil se despede de um grande nome do audiovisual brasileiro e brasiliense. Aos 89 anos, o cineasta Vladimir Carvalho morreu em um hospital em Brasília em decorrência de um infarto, deixando um vazio nos corações dos amantes da sétima arte e aspirantes a cineasta da capital federal.

Nascido na Paraíba, o diretor e documentarista transpirava brasilidade e o seu amor e respeito pela capital federal. Em mais de 50 anos de trabalho eternizando histórias (em seu sentido literal), fundou a Associação Brasileira de Documentaristas, gênero cinematográfico que muitas vezes tende a ser deixado de lado pelo grande público. Documentário é a história contada através de lentes de câmeras, geralmente de 35 milímetros. É registro contado para aquele que não sabe ler, é história e memória viva de um povo e de uma cultura através da arte.

Mas o legado de seu trabalho será lembrado, não somente pelo documentário, mas pela fotografia. O irmão mais novo de Vladimir, Walter Carvalho, começou sua jornada no audiovisual ajudando o irmão mais velho na fotografia de seus filmes.

Com o tempo, se tornou outra grande referência para o cinema brasileiro, no ramo da fotografia e também assumindo a direção de longas-metragens. E como filho de peixe peixinho é, seu filho, Lula Carvalho, também seguiu o caminho da família, sendo diretor de fotografia.

Vladimir Carvalho morreu a pouco mais de um mês do começo da 57ª edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, marcado para acontecer de 30 de novembro a 7 de dezembro, em um de seus lugares protegidos, o Cine Brasília, local onde será o velório do cineasta. Um dos destaques no cinema de rua do país, o Cine Brasília se diferencia de cinemas tradicionais de shoppings com filmes blockbuster (longas-metragens financeiramente bem-sucedidos, de cunho popular), com obras voltadas para tratar a sétima arte como arte.

Como disse uma vez Vladimir Carvalho antes de partir: “Nós continuamos nessa tarefa de prestigiar e zelar para que o Cine Brasília continue sendo o que ele é: o reflexo do cinema brasileiro e também inspiração para o cinema local. Aqui é o nosso templo, a casa do cinema em Brasília”.

Paulo César Caju*

Luiz Henrique é meia armador!

Geraldinos, antes de mais nada, estou muito feliz com a vitória do Botafogo. Porém, a classificação não está totalmente garantida, mas um bom passo foi dado rumo a Buenos Aires. Antes de falar propriamente do jogo, não posso deixar de citar a confusão na praia do Recreio dos Bandeirantes na manhã da partida. Não sei o que foi pior, o despreparo da polícia militar ou a polícia federal permitir que esses ônibus atravessassem a fronteira, mesmo sendo de torcedores do Peñarol.

Há um mês, mais ou menos, um torcedor do Flamengo foi morto pela mesma torcida que estava aqui, na quarta-feira, dia 23 de outubro. Será que a nossa polícia não aprendeu que eles deveriam ter sido escoltados o tempo todo ou nem entrado no duelo contra o Flamengo? E isso é algo recorrente. Sai governo e entra governo e ninguém tem um simancol em impor regras contra esses baderneiros. A torcida do Pañarol é igual a do Boca: a maioria de bandidos. Não podem entrar no país sem escolta! Lamentável o incidente e lamentável também o despreparo da PM em conter a torcida. Não estavam preparados para a situação.

Falando do jogo em si, John salvou o Botafogo em dois lan-

ces, nos quais o Peñarol poderia abrir o marcador. O primeiro tempo do Botafogo foi mais cauteloso, mas fez a torcida passar algum sufoco na arquibancada. E aquilo que o comentaristas andam dizendo que Artur Jorge mudou o posicionamento de Luiz Henrique em campo, vou frisar, mais uma vez: quando eu o vi iniciar a carreira, no juniores do Fluminense, já sabia que ele seria um ótimo meia armador e não um ponta de lança, como muitos acham que ele é. O passe que ele dá para o Savarino no primeiro gol é típico de um meia que sabe conduzir bem a bola e tem visão de jogo.

Cinco a zero é uma boa vantagem, mas o jogo da volta será catimbado demais, com os jogadores do Peñarol falando muito nos ouvidos dos botafoguenses, para tirar alguém do sério e provocar uma expulsão. Fora a torcida, que, com os acontecimentos no Rio de Janeiro, podem replicar isso nos torcedores do Botafogo. Não será um jogo fácil nem dentro nem fora de campo, por tudo o que aconteceu no Recreio dos Bandeirantes e no Engenhão.

Antes das pérolas, não posso deixar de citar o futebol brasileiro. Por coincidência, antes do jogo do Botafogo, acabei me encontrando com Artur Jorge em um condomínio na Barra da Tijuca. Um

português alto astral e bem simpático. Não por menos, sua postura em campo é serena e tranquila, diferente de outro brasileiro que admiro muito, mas que precisa aprender com ele como se portar na área técnica: Fernando Diniz. Depois que o Lanús empatou o jogo, o que ele falou de palavras foi algo estarrecedor e impróprio em por aqui. O seu destemperado no gramado é refletido nos jogadores, que entram com adrenalina lá em cima e acabam cometendo faltas desnecessárias e ficam nervosos em campo. Às vezes acho que o psicólogo precisa fazer terapia para se entender melhor...

E não posso deixar de falar do Fluminense, que, mesmo com um gol chorado, conseguiu respirar na competição. Mesmo assim, é duro assistir esse time do Mano Menezes. Essa história de “1 a 0 é goleada” vai matar algum tricolor de ataque cardíaco, pois ninguém consegue aguentar ficar mais de 40 minutos com um time recuado e outro atacando. Sorte que os jogadores do Atlético-PR não foram competentes e Fábio salvou o Fluminense. Caso contrário, seria mais um jogo empatado ou perdido por essa teimosia do Mano em recuar o time toda vez que fica à frente do marcador.

Pérolas da Semana

1 - “Trabalho autoral, adqui-

rindo uma identidade, encaixando as peças que tem”

2 - “Tapa na orelha (gomos, a bola não tem face!) da bola na diagonal, fazendo uma boa leitura (visão, ninguém lê o jogo e sim olha!) de jogo”

3 - “Jogador de outra prateleira (de qual andar da gôndola do mercado?), cara experiente, colocando a engrenagem (time virou relógio) para funcionar, sendo construtor da jornada”

4 - “Linha baixa, dando a bola para o adversário (como assim!), fazendo a linha de cinco, com o jogo por dentro, com esquema em losango (alguém explica isso?), para abrir o campo (só asneira!)”

5 - “Time que não se encaixa, fazendo outra linha de três, sentando em cima das questões (não entendi nada!)”

6 - “Treinador que lê (enxerga) o jogo, com linha de cinco atrás, fazendo uma marcação encaixada”

***Ex-jogador de futebol. Fez parte da seleção do Tricampeonato Mundial no México em 1970. Atuou nos quatro grandes clubes do Rio (Flamengo, Botafogo, Vasco e Fluminense), Corinthians, Grêmio e Olympique de Marseille (França).**

Barros Miranda*

Estados pêndulos decidirão eleição nos EUA

Novembro vem com o furação eleitoral norte-americano. Passadas as comemorações do Dia das Bruxas, resta saber qual será a celebração de cada partido, depois de comer muitos doces. Ou melhor, quem vai saborear o melhor doce.

Donald Trump e Kamala Harris brigam voto por voto em estados considerados

pêndulos: Arizona, Geórgia, Nevada, Carolina do Norte, Michigan, Pensilvânia e Wisconsin. Destes três são cruciais, por estares na região dos lagos — os últimos — pela indústria automobilística. Geórgia e Carolina do Norte tendem mais para os Republicanos, enquanto Arizona e Nevada para os Democratas,

por isso não são tão cobiçados quantos os outros, que em eleições vão trocando de cor, conforme a onda vem.

Só tivemos um debate entre os dois e Kamala foi mais enfática que Trump. Resta saber se essa veracidade toda será transmitida em votos, já 18 milhões de pessoas já declararam seu presidente antecipadamente

pelos correios.

Agora, na brincadeira, vamos saber se o desenho Simpsons vai acertar ou errar pela primeira vez, já que Lisa aparece, uam vez com um vestido roxo e um colar de pérolas, as mesmas roupas de Kamala Harris.

***Historiador e Jornalista.**

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: EUA INQUIETO COM A SITUAÇÃO DA BOLSA DE NY

As principais notícias do Correio da Manhã em 25 de outubro de 1929 foram: Congresso dos EUA recebe pedidos de abertura de in-

quérito sobre a situação da Bolsa de Valores de Nova York. Príncipe herdeiro da Itália é alvejado a tiros em Bruxelas, mas sai ileso do ataque.

Grupo socialista da França não está unido sobre a participação ou não da equipe ministerial. Cheia no Uruguai afeta fronteira com o Brasil.

HÁ 75 ANOS: NACIONALISTAS CHINESES MIGRAM PARA ILHA FORMOSA

As principais notícias do Correio da Manhã em 25 de outubro de 1949 foram: Inglaterra afirma que URSS violou tratado de Potsdam

com a Alemanha Oriental. René Mayer é designado pelo Congresso francês para montar uma equipe ministerial. Governo nacionalista

da China migra para a Ilha Formosa. Câmara aprova o reajuste dos débitos dos pecuaristas. Congresso faz homenagem a Ruy Barbosa.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Direção Executiva: Marcos Salles (Presidente)
comercial.grupocorreiodamanha@gmail.com

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação)
Leo Delfino (Editor)

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22775-057
Brasília: ST SIBS Quadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes -
Brasília - DF - CEP: 71.736-20
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.